

julio le parc

galeria

nara roesler

9 + 3 + RV

**Alchimie 357**, 2017  
acrílico sobre tela  
200 x 200 cm

Simultaneamente à grande retrospectiva de Julio Le Parc no Instituto Tomie Ohtake, a **Galeria Nara Roesler | São Paulo** apresenta *Julio Le Parc: 9 + 3 + RV*, exposição que reúne trabalhos do icônico artista argentino. Fazem parte da exposição nove pinturas recentes da série *Alchimie* (2016/2017), trabalhos em grande escala em acrílica sobre tela, concebidos a partir de vários estágios de desenhos e de pinturas menores que se expandem em composições modificadas progressivamente; três esculturas da série *Torsion* (2004), que em tamanhos monumentais, ocupam espaços públicos de países como México, Portugal e Estados Unidos; e pela primeira vez na América Latina, *Alchimie Virtuel*, uma obra em realidade virtual.

*Alchimie Virtuel* atualiza a questão da virtualidade apresentada por Le Parc há mais de 50 anos e pela qual foi considerado um visionário. Presente em pinturas como *Réels et virtuels / serie Surface noir et blanc* (anos 50), *Volume Virtuel* (anos 70), e nas esculturas *Cercle Virtuel* (anos 60), a virtualidade é atualizada em sua obra a partir da tecnologia.

Nas palavras do crítico Hans Ulrich Obrist, "o trabalho de Julio Le Parc simultaneamente experimental, visionário e lúdico, permanece pertinente no presente, assim como foi nos anos de 1960, e suas preocupações relacionadas à política, ao papel do público, ao artista e ao poder da organização das artes são ainda relevantes e significativas". \*





vista da exposição - galeria nara roesler | são paulo, 2017





vista da exposição - galeria nara roesler | são paulo, 2017





vista da exposição - galeria nara roesler | são paulo, 2017





vista da exposição - galeria nara roesler | são paulo, 2017





vista da exposição - galeria nara roesler | são paulo, 2017





vista da exposição - galeria nara roesler | são paulo, 2017





vista da exposição - galeria nara roesler | são paulo, 2017

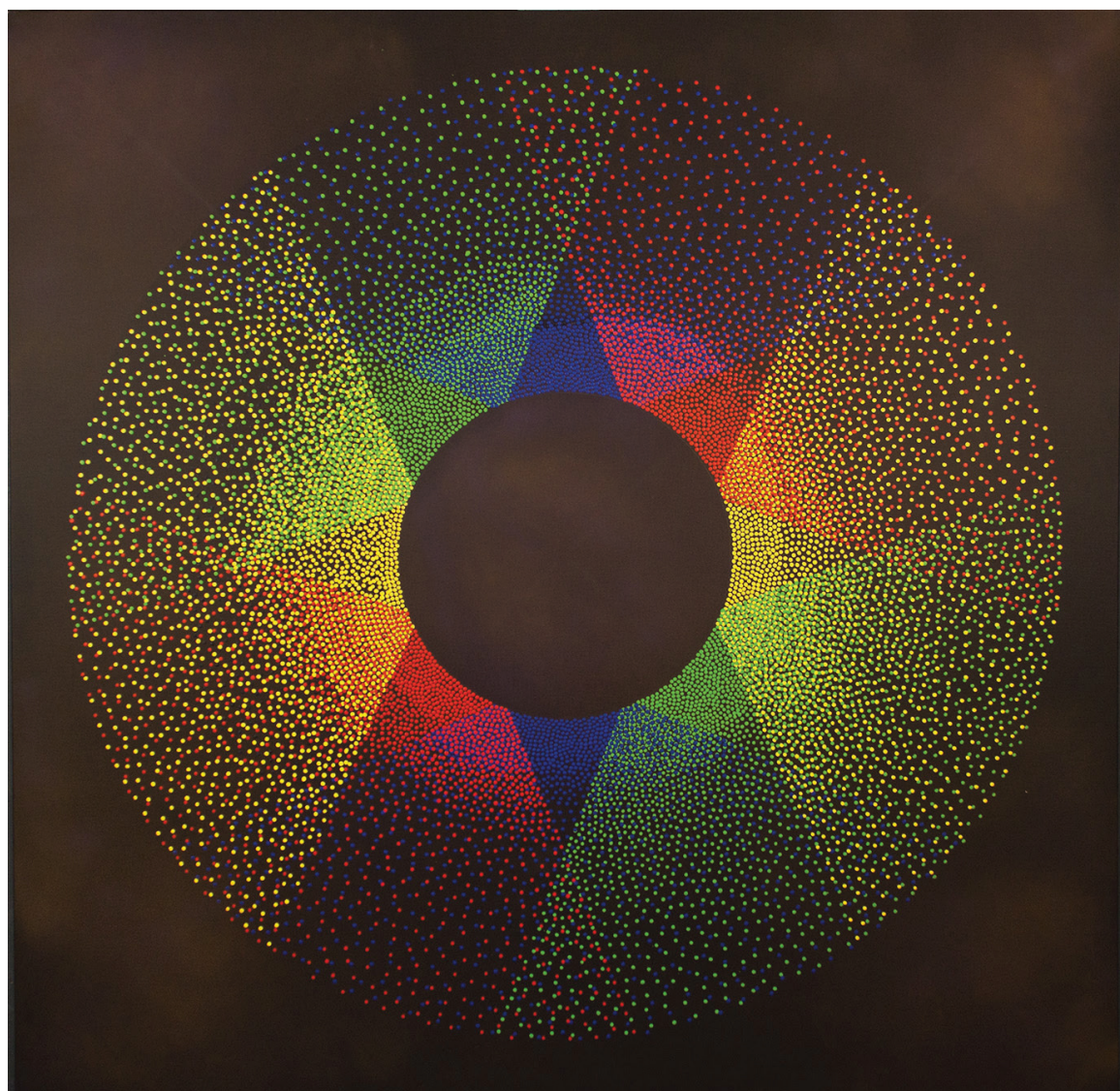




*Alchimie 367*, 2017 e *Alchimie 366*, 2017 -- acrílica sobre tela -- 200 x 200 cm

vista da exposição - galeria nara roesler | são paulo, 2017





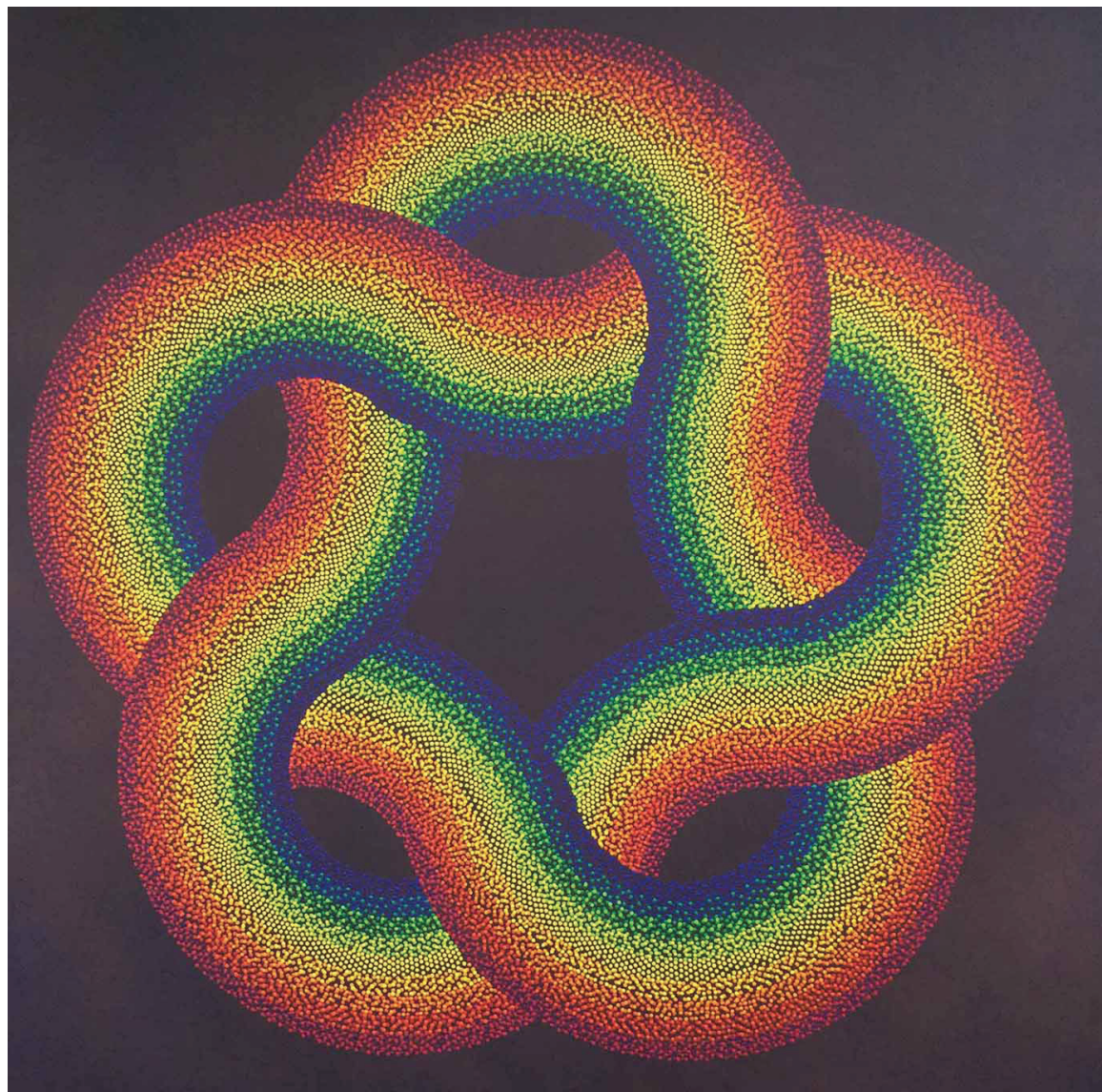
*Alchimie 346*, 2016  
acrílica sobre tela  
200 x 200 cm





*Alchimie 350*, 2016  
acrílica sobre tela  
200 x 200 cm





*Alchimie 363*, 2017  
acrílica sobre tela  
200 x 200 cm



*Alchimie 358*, 2017  
acrílica sobre tela  
200 x 200 cm



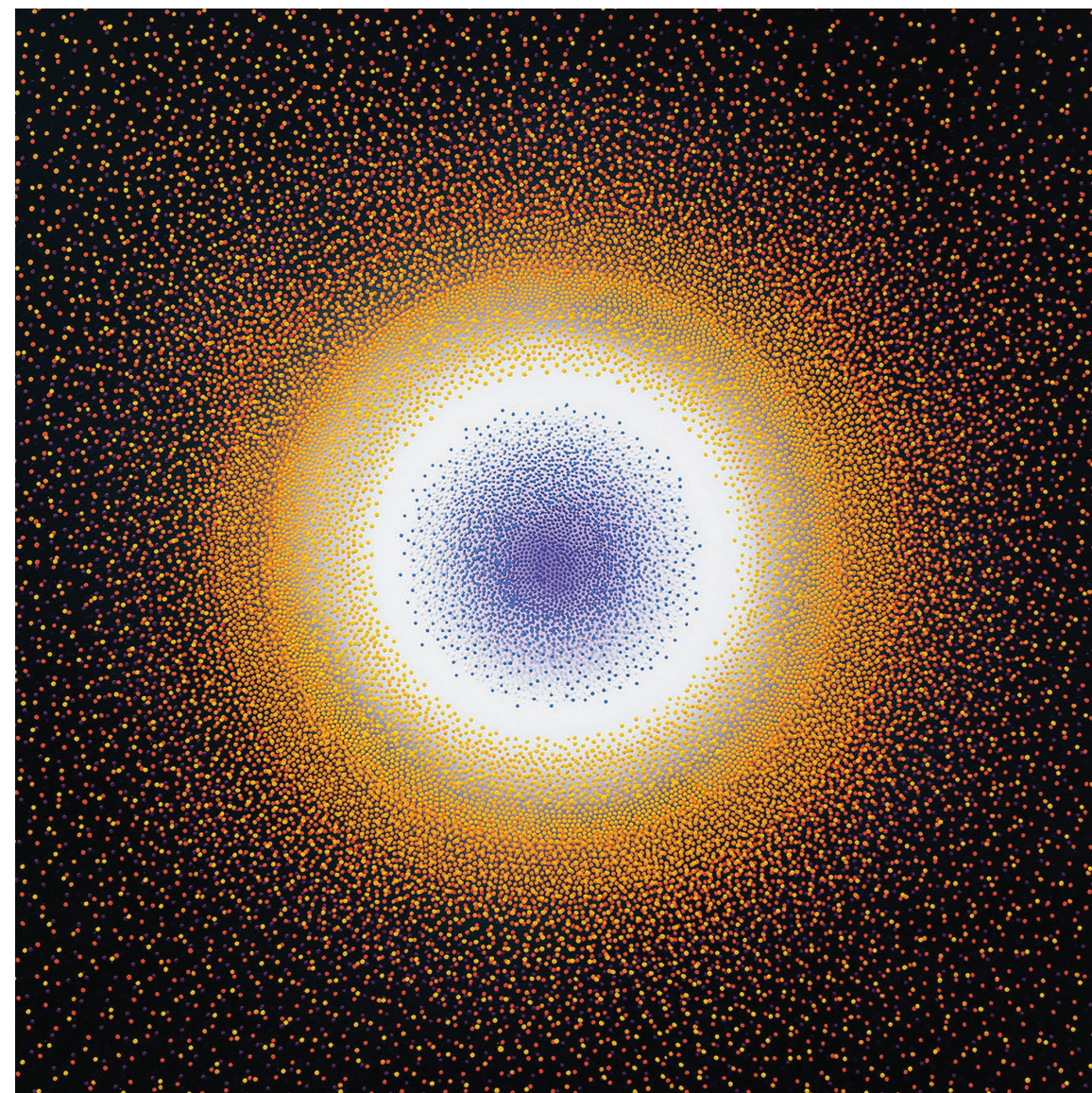




*Alchimie 349*, 2017  
acrílica sobre tela  
200 x 200 cm



*Alchimie 341*, 2017  
acrílica sobre tela  
200 x 200 cm







***Torsion 6***, 2004  
aço inox  
228 x 104 x 104 cm



*Torsion 5*, 2004  
aço inox  
241 x 118 x 118 cm



vista da exposição - galeria nara roesler | são paulo, 2017

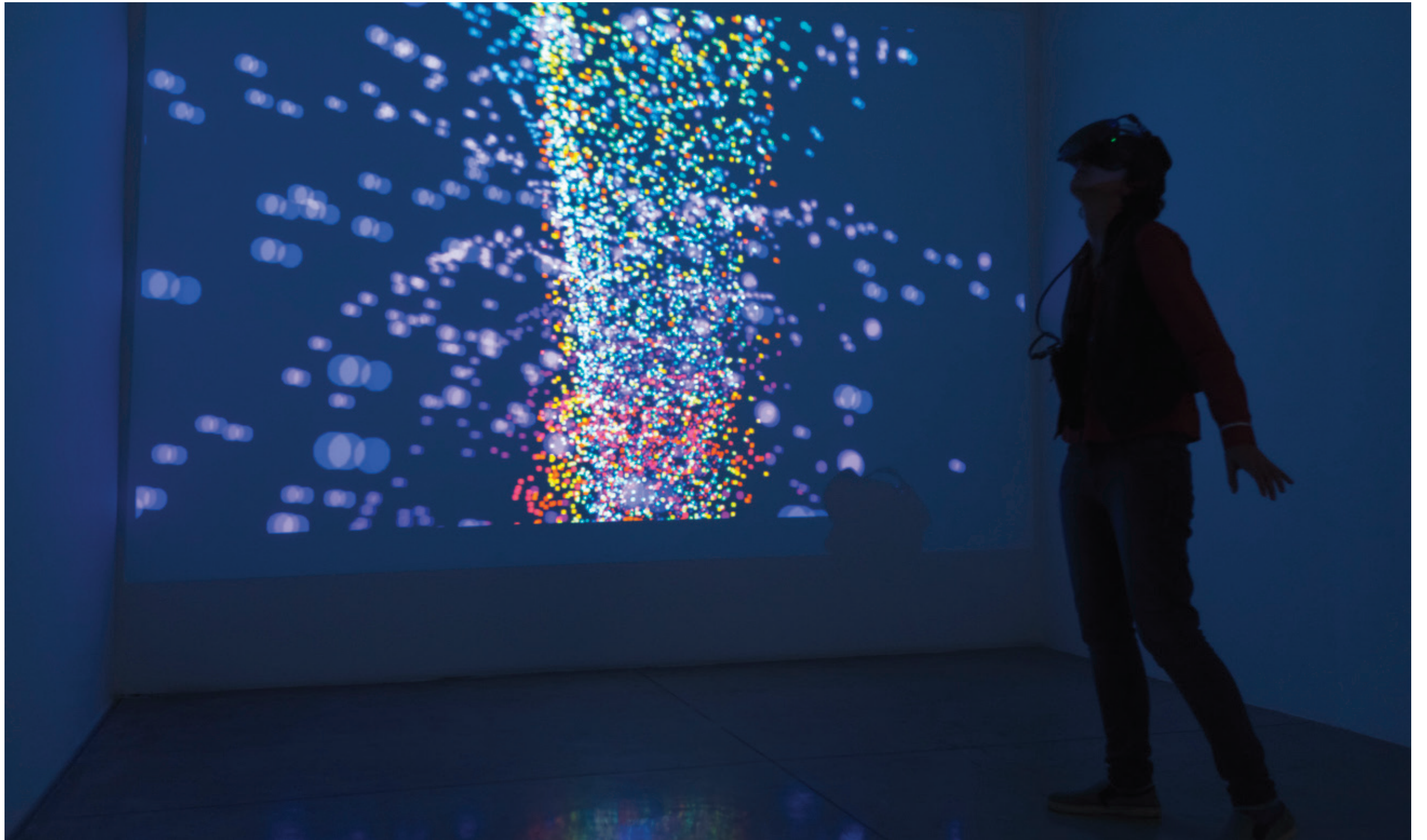




vista da exposição - galeria nara roesler | são paulo, 2017

*Torsion 2*, 2004  
aço inox  
241 x 118 x 118 cm





*Alchimie virtuel*, 2016 -- realidade virtual -- dimensões variáveis -- vista da exposição -- galeria nara roesler | são paulo, 2017



## “Quem pode se interessar pelo que algumas crianças pensam sobre uma exposição?”<sup>1</sup>

Rodrigo Moura

A resposta a essa pergunta tem o nome de seu formulador: Julio Le Parc. Desde que sua obra surgiu no meio da arte internacional, no fim dos anos 1950, em Paris, Le Parc é defensor de uma espécie de democracia nas artes. Como forma de aplicar sua formação marxista, com seus valores pró-participação e pró-emancipação, ele pensa que, na arte como na política, todo poder emana do povo e em seu nome será exercido. E nesse sentido, ninguém melhor do que as crianças para se afetarem, opinarem e fazerem a roda do tempo girar.

“É proibido não participar.

É proibido não tocar.

É proibido não quebrar.”

Assim proclamava o pioneiro manifesto do GRAV (*Groupe de Recherche d'Art Visuel*), em outubro 1963<sup>2</sup>. Neste credo, um tanto idealista, a arte tem a capacidade de ativar o potencial libertário de cada um de nós por simplesmente despertar nossas faculdades perceptivas. A pura forma se torna assim política, e faz emergir com força a noção de espectador, como êmulo do eleitorado ou de uma massa revolucionária. A forma ensina a libertar, propunham, numa revisão radical dos ensinamentos construtivos do início do século. “Um espectador consciente de seu poder de ação e cansado de tanto abuso e mistificação poderá fazer, ele mesmo, a verdadeira ‘revolução na arte’”, profetizavam.

A emergência dos artistas cinéticos em Paris coincide o aparecimento de outras manifestações grupais, tendo a cidade luz (sem trocadilho) como centro, no início dos anos 1960. Penso aqui especialmente nas obras literárias que experimentavam com a forma, reunidas em torno do grupo Oulipo (sigla para *Ouvroir de Littérature Pottentielle* ou Oficina de Literatura Potencial), ou mesmo na *nouvelle vague*, no cinema. Todas essas iniciativas visavam libertar o espectador ou leitor das amarras do ilusionismo naturalista, ao exporem os alicerces da criação artística e fazerem com que ele ou ela participassem mais ativamente da mesma. Alguns livros poderiam ter mais de um desfecho ou ordens de leitura (como no *Cent mille milliards de poèmes*, 1961, de Raymond Quéneau, em que os versos dos poemas podem ser recombinaados na leitura por meio de cortes nas páginas do livro), e os filmes desconstruíam algumas das bases da

1. Le Parc em entrevista a Hans-Michael Herzog, no catálogo *Julio Le Parc/Obras cinéticas*, publicado pela Daros Latin America em 2014. P. 24.

2. *Assez de mystifications*. Manifesto assinado pelo Groupe de Recherche d'Art Visuel e lançado na 3ª Bienal de Paris, em outubro de 1963. Além de Le Parc, faziam parte do grupo Joël Stein, François Morellet, Francisco Sobrino e Yvaral.

verossimilhança, como a sincronia entre som e imagem. As propostas de Le Parc, como seu *Piso instável* (1964) ou seus relevos luminosos de mecanismos aparentes, também buscam essa tomada de consciência por parte do espectador.

Retomar contato com as obras e as ideias de Le Parc neste momento em que ele realiza uma grande retrospectiva de sua obra no Instituto Tomie Ohtake é uma oportunidade de reativar essa crença no papel emancipatório da arte – hoje sem o dogmatismo que regia suas ideias iniciais junto ao grupo de arte cinética – e a esperança de que ela seja portadora de uma oportunidade de transformação.

Igualmente oportuno é constatar a vitalidade de Le Parc, produzindo obras novas às vésperas dos seus 90 anos. Vamos chamá-las de novas, mas apenas porque são produzidas nos últimos meses, uma vez que elas se reportam a ideias e projetos que habitam sua obra há décadas. É dessa liberdade de tempo de ação, sem a urgência dos anos iniciais, que Le Parc nutre sua vitalidade atual. Por isso, a maneira ideal de ver suas obras seria numa espécie de retrospectiva permanente, algo que eu chamaria, não sem algum humor, de Parque Le Parc, onde os ambientes pudessem conviver com as pinturas, os jogos com os relevos e assim sucessivamente, num contínuo em transformação que formasse um espaço quase onírico de libertação, otimismo e consciência do eu.

Na exposição na Galeria Nara Roesler, o título já confere a fórmula: 9 (pinturas) + 3 (esculturas) + realidade virtual. Entre as primeiras, estamos diante de recentíssimos exemplos das *Alquimias*, que remetem a séries anteriores de pinturas, desde as *Modulações* dos anos 1970. Aqui Le Parc está mais uma vez interessado na ideia de permutação cromática e de refração da luz na superfície, criando possibilidades de vibração a partir de planos sobrepostos, círculos concêntricos, espirais e fitas de Moebius. O que mais chama atenção nessas obras é a capacidade de evocação ambiental que encontramos nela, como se cada tela fosse um corpo espacial com profundidade e luminosidade próprias, evocando o dilema olho/corpo, um antigo conhecido de Le Parc. Ver e sentir são sensações que se confundem. Minha reação imediata a essas pinturas é andar para seus interiores, tragado pela sensação hipnótica de suas formas repetitivas – algo que o ambiente de realidade virtual promete cumprir. Não se trata apenas da questão de escala, pois encontramos essa mesma sensação em outras obras de tamanhos, materialidades, tempos e territórios diferentes, mas que se relacionam com as *Alchemies*, como os vitrais de Chartres ou os cestos Apache.

Por outro lado, as suas *Torsões*, às quais já se dedica desde o fim da década de 1990, têm



uma tendência fatídica à monumentalidade (curiosamente, ecoam formas que também já encontrávamos nas *Modulações*). Aqui a questão que se coloca de forma mais evidente é a da incidência da luz do ambiente sobre os filetes de aço inoxidável, evocando uma dimensão de duração à medida que nos deslocamos em torno delas, como se fossem micro espelhos imperfeitos ou fragmentos de labirintos. Por isso, quanto mais extensão, maiores as possibilidades. Esse fenômeno lumínico, porém, se dá de forma muito sutil, o que faz com que essas peças sejam de difícil compreensão ou, antes, que se goste delas pela razão menos interessante, que é seu aspecto clean industrial.

Voltam as crianças à exposição de Julio Le Parc. Em alguns museus, vemos o aviso que previne os pais para que segurem pelas mãos seus filhos mais novos e também os mais rápidos. Pense nessas crianças velozes correndo pelos museus. Elas me pareceram o público ideal para a arte de Le Parc.

**Rodrigo Moura** (Belo Horizonte, 1975) é editor e crítico de arte, foi curador do Instituto Inhotim (Brumadinho, MG) e do Museu de Arte da Pampulha, em Belo Horizonte e hoje é curador-adjunto de Arte Brasileira no Museu de Arte de São Paulo - MASP.



## sobre **Julio Le Parc**

Julio Le Parc (n. 1928, Mendoza, Argentina) vive e trabalha em Cachan, na França. O artista apresenta ao espectador uma visão divertida e desmistificada da arte e sociedade por meio de suas pinturas, esculturas e instalações perceptualmente ilusórias. Le Parc faz interagir cor, luz, sombra e movimento de modo que as formas aparentem movimento, estruturas sólidas se desmaterializem, e a própria luz pareça plástico. Como co-fundador do Groupe de Recherche d'Art Visuel (GRAV), trabalhou para romper os limites na arte e a participação de espectadores contribuiu diretamente com suas famosas esculturas cinéticas e ambientes de luz.

A partir de 1960, no entanto, começou a desenvolver uma série de obras distintas que utilizavam a luz "leitosa": esses objetos, geralmente construídos com uma fonte lateral de luz branca que era refletida e quebrada por superfícies metálicas polidas, combinavam um alto grau de intensidade com uma expressão sutil de movimento contínuo.

As obras de Le Parc foram tema de inúmeras exposições individuais na Europa, América Latina e Estados Unidos, em instituições como o Pérez Art Museum, Miami, EUA (2016); Museum der Kulturen Basel, Basel, Suíça (2015); Bildmuseet, Umea, Suécia (2015); Malba, Buenos Aires, Argentina (2014); Palais de Tokyo, Paris, França (2013); Biblioteca Luiz Angel Arango, Bogotá, Colômbia, (2007); Laboratorio Arte Alameda, Cidade do México, México (2006); Castello di Boldeniga, Brescia, Itália (2004) entre outras. O artista também fez parte de diversas exposições coletivas e bienais como: a Bienal Internacional de Curitiba, Curitiba, Brasil (2015); Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (1999); Bienal de Havana, Havana, Cuba (1984); Bienal de São Paulo (1967), a Bienal de Veneza em 1966 (quando recebeu o Prêmio) e a polêmica exposição do MoMA, *The Responsive Eye* (1965). Como ato de protesto contra o regime militar repressivo no Brasil, ele se juntou a artistas no boicote da Bienal de São Paulo em 1969 e publicou um catálogo alternativo de Contrabienal em 1971. As obras coletivas posteriores de Le Parc incluem a participação em movimentos antifascistas no Chile, El Salvador e Nicarágua. Recentemente, Le Parc tem sido objeto de grandes retrospectivas, como *Form into action* no Pérez Art Museum, Miami, EUA (2016), *Julio Le Parc na Serpentine Gallery*, Londres, Reino Unido (2014); *Le Parc: Lumière* no MALBA, Buenos Aires, Argentina (2014); *Soleil froid* no Palais de Tokyo, Paris, França (2013); *Le Parc lumière* na Casa Daros, Rio de Janeiro, Brasil (2013); e da exposição *Dynamo* no Grand Palais, Paris, França (2013).



